



# Privatização fora da agenda

*FHC perdeu a batalha da informação, e o tema ficou fora da campanha*

**O** ELEITORADO DE SÃO PAULO ESTÁ SENDO SUBMETIDO, nestas eleições, a doses maciças de demagogia. O candidato do PPB ao governo do Estado, Paulo Maluf, tem como ponto forte de sua propaganda uma guerra contra os pedágios cobrados nas rodovias estaduais geridas pela iniciativa privada, graças a um programa de concessões iniciado no primeiro mandato (1995-1999) do falecido governador tucano Mário Covas.

O processo de concessões, antes de entrar em vigor, foi longamente discutido com diferentes setores e devidamente aprovado por representantes eleitos pelo povo. Depois, os contratos de concessão foram aprovados pelo Tribunal de Contas. O resultado foi que São Paulo, que já dispunha da melhor malha viária do país, passou a ter, com as estradas sob concessão, rodovias ainda melhores, com padrão de Primeiro Mundo: pistas seguras, sinalização perfeita, socorro gratuito aos motoristas, manutenção permanente. Os contratos foram rigorosos quanto a prazos, exigências de obras e impacto ambiental. Além disso, em quatro anos, o governo deixou de investir nas estradas privatizadas 3,5 bilhões de reais, que puderam ser alocados para áreas como saúde, educação e segurança.

Claro que, como é inevitável, o programa não tem a perfeição dos céus: as concessionárias construíram mais rapidamente praças de pedágio do que passarelas de pedestres, por exemplo. Nada que não possa ser resolvido pela agência reguladora paulista. Mesmo assim, Maluf promete horários com pedágio livre e centra fogo num programa que teve, no nascedouro, uma lógica simples e justa: paga pelas estradas, via pedágio, quem as usa, e não a sociedade inteira, via impostos.

O eleitorado tem sido sensível às promessas de Maluf. E por uma razão simples: não venceu plenamente entre a opinião pública a batalha da comunicação nessa questão,

como em outras ligadas à concessão de serviços ou à privatização de empresas. Não venceu porque nunca se deixou convencer de que isso era fundamental para o sucesso, a longo prazo, dos programas. Agora, na campanha eleitoral, seu sucessor, Geraldo Alckmin, corre para se recuperar do prejuízo.

Com o governo FHC não foi diferente — foi até pior. A privatização, um poderoso instrumento de transformação econômica e social que tornou competitivas e dinâmicas economias que caíam pelas tabelas nos anos 70, como as do Reino Unido e da Itália, e lançou no século 21 países que dormitavam à margem da modernidade, como a Espanha, virou no Brasil um bicho-de-sete-cabeças. Cada leilão nas

bolsas se tornou uma batalha campal, com a polícia enfrentando manifestantes e baderneiros agredindo executivos e empresários.

O processo ainda tropeçou em erros graves. O principal talvez tenha sido priorizar a transferência das empresas ou de serviços para grandes grupos, especialmente estrangeiros, com capacidade tecnológica e gerencial inquestionável, abandonando a possibilidade de pulverizar as ações entre os consumidores e criar, assim, um embrião

de "capitalismo popular" como fez Margaret Thatcher a partir do fim dos anos 70 no Reino Unido. Outro erro foi destinar ao abatimento da dívida pública recursos obtidos num momento de explosão da taxa de juros — que acabou devorando rapidamente a dinheirama.

Não é de estranhar, pois, que na atual campanha presidencial a privatização tenha virado anátema para os candidatos da oposição, que a baniram do horizonte do país, e tenha desaparecido do programa visível do candidato do governo, José Serra. As futuras gerações, infelizmente, vão pagar caro por isso. ■

**Em São Paulo,  
o ex-governador  
Maluf ataca  
a privatização  
das estradas**

E-mail: [setti@uol.com.br](mailto:setti@uol.com.br)